

## VII Cinform

# CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E MUSEOLOGIA: ESTUDO TEÓRICO DE TERMOS E CONCEITOS EM DIFERENTES CONTEXTOS --SUBSÍDIO À LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA

DIANA F. C. LIMA \*\*

[diana@skydome.com.br](mailto:diana@skydome.com.br)

IGOR F. R. COSTA \*\*

[igorfr2001@yahoo.com.br](mailto:igorfr2001@yahoo.com.br)

Informação e comunicação especializadas, na pesquisa, focalizam terminologia da Museologia relacionando com linguagem documentária. Investiga expressões -- elaborações específicas e derivadas do cruzamento de fronteiras disciplinares. Em cenário de ruídos na comunicação, objetiva identificar/selecionar/analisar termos e conceitos -- bens simbólicos de valor museológico (patrimônio); âmbito: produção conceitual e práticas museológicas, abrangendo espaços temporais, geográficos, culturais em meios impresso, eletrônico; visando fornecer elementos para construção de vocabulários e disseminação em bases de dados, atendendo necessidades informacionais de demanda. Desenvolve, à luz da socioterminologia e da teoria comunicativa da terminologia aplicadas a questões da CI e da Museologia, análises conceitual/comparativa. Fontes -- caráter: terminológico, normativo, teórico, técnico, político, administrativo; -- idiomas: Português, Inglês, Francês, Espanhol. Foram encontrados vários sentidos para Patrimônio, Herança, Bem, Monumento, espelhando pluralidade tipológica de coleções/modelos de museus (diversos conhecimentos cultura/natureza), ou carências do campo, dirigindo estudos teóricos para dinâmicas de criação/ressignificação/variação de termos e conceitos.

**Palavras-chave:** Informação em museus; Informação e terminologia museológica; Ciência da Informação, Museologia e linguagem profissional; Museologia e linguagem documentária;

---

\* Doutora em Ciência da Informação (IBICT/UF RJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

\*\* Bolsista IC. Graduando em Museologia (UNIRIO), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Herança é um largo conceito que inclui o ambiente natural e cultural. Abarca paisagens, lugares históricos, sítios e paisagens construídas, assim como a biodiversidade, coleções, práticas passadas e atuais, conhecimento e experiências de vida. Registra e expressa os longos processos históricos, formando a essência de diversas identidades nacional, regional, indígenas e local sendo parte integral da vida moderna. É um ponto de referência dinâmico e instrumento positivo de crescimento e mudança. A herança da memória particular e coletiva de cada localidade ou comunidade é insubstituível e importante alicerce para o desenvolvimento tanto agora como para o futuro.

ICOMOS. 1999

## **1. MUSEOLOGIA, TERMINOLOGIA, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: BREVE RELATO.**

O território da Museologia, à semelhança das outras áreas do conhecimento, enquadra-se no padrão das formas culturais nomeadas “sistemas simbólicos”<sup>1</sup> representados pela Ciência e a Língua, ao lado do Mito/Religião e da Arte. Qualificados como campos regionalizados da produção simbólica referem-se às “manifestações das práticas e representações culturais”<sup>2</sup> ilustrando aspectos da realidade social.

Sendo considerados campos de significações culturais --- composição de mensagens e bens simbólicos que são socialmente ambientados e transmitidos --- expressam, conforme Bourdieu,<sup>3</sup> por intermédio das formas sociais, as “estruturas mentais” que regulam as disposições dos grupos em sociedade, ou seja, as formas simbólicas e os aparatos interpretativos.<sup>4</sup> Dizem respeito, ainda, “aos instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos; igualmente, aos de comunicação; e também aos de legitimação de poder.” Trata-se do que autor nomeou em seus estudos de exercício do “poder simbólico”.<sup>5</sup> Cabe lembrar, ao se focar o espaço Museologia, que o perfil com o qual se depara é de “campo híbrido”,<sup>6</sup> portanto, originário do cruzamento de fronteiras disciplinares, fenômeno que gera formações interdisciplinares no universo do conhecimento.<sup>7</sup> Além de sua configuração de origem interdisciplinar, também executa comportamento voltado a movimentos conectivos, postulando a existência de “zonas comuns” entre áreas “do conhecimento (uni)disciplinar dotados de fronteiras” e suas respectivas “comunidades produtoras do saber”, que se identificam, neste caso, como “comunidades híbridas”<sup>8</sup> revelando

---

<sup>1</sup> MICELI, Sergio. (Org.) Pierre Bourdieu: a economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 27-28. (Coleção Estudos). Textos selecionados da obra de Bourdieu.

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990. passim. (Coleção Memória e Sociedade).

<sup>3</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>4</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Ciência da Informação, Museologia e fertilização interdisciplinar: Informação em Arte um novo campo do saber. 2003. 358 f. Tese (Doutorado) - Instituto Brasileiro em Ciência da Informação/IBICT, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003. p. 6. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989. passim. (Coleção Memória e Sociedade).

<sup>6</sup> KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. passim. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan. apud. LIMA, Diana F. C. 2003. op. cit.

<sup>7</sup> LIMA, D. F. C. 2003. op. cit., p. 46.

<sup>8</sup> LIMA, D. F. C. 2003. op. cit., p. 3.

“tensões produtivas em dinâmica de suplemento, complemento e crítica”,<sup>9</sup> formalizando espaço favorável às ocorrências de ordem interdisciplinar e multidisciplinar. Ainda, segundo Klein,<sup>10</sup> territórios dotados de tal característica compõem o que se denomina de “universo social autônomo”.

Campo de produção do conhecimento, no âmbito da esfera cultural que se afigura como seu espaço social de ação, em razão da sua autonomia estabelece-se conceitual e materialmente apresentando pretensões de “legislar... em nome de um poder ou de uma autoridade” --- as instâncias de legitimação que o campo determina e acata que, embora sejam de ordem interna, respondem aos estímulos externos. As funções de representação (ou simbolização) do campo ficam a cargo dos diversos elementos e grupos, “(ou de classes construídas como agentes),”<sup>11</sup>. comunidades corporificadas nas instituições e nos profissionais qualificados, atendendo aos padrões que estipulam tanto as condições de definição dos organismos como do acesso à profissão quanto àquelas referentes a participar no meio especializado.<sup>12</sup>

Neste panorama de zona particularizada no domínio específico da realidade social, identificada como campo especializado do conhecimento,<sup>13</sup> seu “corpo de agentes”<sup>14</sup> se faz reconhecido sob o modelo e nomenclatura genérica de profissionais de museus abarcando entretanto: a) Museólogos --- titulados pelos cursos de Museologia; e b) Profissionais de museus --- todos os demais graduados em outras áreas do conhecimento e atuando nos museus de variadas tipologias, consoante a definição do Conselho Internacional de Museus, ICOM (International Council of Museums).<sup>15</sup> Órgão representativo e fórum de debates em âmbito internacional, filiado à Unesco, apresenta trinta Comitês especializados, organizados atendendo às diversas categorias tipológicas de museus e/ou disciplinas referentes, congregando na categoria membro votante, tanto profissionais como instituições. Convém esclarecer e há que se considerar, em razão da variedade da tipologia museu, a existência de exemplares musealizados de monumentos e sítios que se enquadram, da mesma maneira, no contexto técnico-conceitual do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, ICOMOS.<sup>16</sup> E, ainda, museólogos membros deste Conselho.

Ao modo também dos congêneres, a Museologia apresenta terminologia identificada como linguagem de especialidade ou linguagem profissional, que se apóia e expressa por meio de termos (e conceitos explicativos) do discurso museológico, por sua vez constitutivos da informação

---

<sup>9</sup> KLEIN, Julie. T. apud LIMA, D. F. C. 2003. op. cit., p. 3.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>11</sup> BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1997. p. 22. Primeira reimpressão com alterações do autor.

<sup>12</sup> LIMA, D.F. C. 2003. op. cit., p. 6.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 41

<sup>14</sup> BOURDIEU, P. 1997. op. cit. p. 22.

<sup>15</sup> ICOM. International Council of Museums. Disponível em: <<http://icom.museum>>. Acesso em: mar. 2007.

<sup>16</sup> ICOMOS. International Council on Monuments and Sites. Disponível em: <<http://www.icomos.org>>. Acesso em: mar. 2007.

O ICOMOS reúne 13 Comitês Internacionais, dentre eles o de Documentação do Patrimônio -- Heritage Documentation, CIPA, com 3 grupos de trabalhos relativos à Documentação, Informação/Tecnologia e Comunicação.

especializada. E a linguagem, manifestação cultural do sistema simbólico, consubstancia, ao lado dos agentes individuais e institucionais, um dos instrumentos de legitimação do campo conformando o padrão informacional e comunicacional da área. Exerce a função de elemento para integração e reforço dos laços entre seus membros (corpo de agentes / meio especializado) --- inseridos no plano interno da área. Os demais agentes interessados --- situados no plano externo ---; que demandam temas que se formalizam como objeto do estudo museológico, do mesmo modo, compõem o quadro de interlocutores do processo de comunicação referido ao domínio.

A prática da atividade legitimadora, o mesmo que exercício do poder simbólico no campo, envolvendo questões da terminologia museológica e sua relação com o contexto da comunicação e informação em museus, conduziu à tomada de decisão para aprofundar, no que se refere à perspectiva terminológica, estudos que melhor identificassem e delimitassem conceitos próprios a este espaço do saber e, com referência à informação especializada, prover à construção do instrumento mediador, linguagem documentária, de elementos hábeis que permitissem o acesso, a transferência e disseminação da informação calcados em conteúdos capazes de eliminar ruídos no processo comunicacional entre usuários da área, incluindo-se nesta qualificação os pares.

A informação em museus circula e é transmitida em variados espaços e canais tais como, por exemplo: exposições tradicionalmente associadas à imagem 'museu' e, também, áreas musealizadas de qualquer natureza nas quais se destacam os denominados 'visitantes de museu'; bibliotecas, arquivos, centros de documentação/informação (serviços de informação em museus), como também outros meios como bases de dados de coleções, de outros espaços e de temas vinculados aos museus associados aos 'consultentes'/'usuários'; edições sobre diversos suportes apresentadas sob formas textuais, imagéticas e sonoras (isoladas ou combinadas). Até o advento da Internet, à exceção das edições (em geral relacionadas aos sistemas em rede dos serviços de informação museológica), os exemplos citados tinham acessibilidade limitada à circunstância física do locais de cunho museológico. Na atualidade, o ambiente Internet tornou disponível ações de visitação, consultas, pesquisas e recreação nos sites dos museus. A partir desta ocorrência, o museu havia ampliado não só numericamente a demanda informacional, como a disseminação se capilarizou, ainda mais, pelas variadas categorias que representam os segmentos formadores do que se nomeia público de museus. Tornou-se oportuno e necessário, então, conformar adequações às exigências informacionais e comunicacionais resultantes desta nova situação cultural e social relativa a múltiplos contextos sócio-culturais e lingüísticos.

Antes da Internet, especialmente nos anos oitenta, as atividades dedicadas aos estudos temáticos, quer da linguagem de especialidade quer da linguagem documentária, foram desenvolvidas por dois Comitês do ICOM, respectivamente Comitê Internacional para

Documentação, CIDOC; e Comitê Internacional para Museologia, ICOFOM,<sup>17</sup> com seus grupos de trabalhos, através projetos com prazo determinado ou, ainda, por meio de projetos permanentes de pesquisa. Ambos trabalharam e trabalham, ainda, ora coletivamente, ora em tarefas específicas a cada Comitê. Ao ICOFOM, entre outras ações, coube desenvolver em âmbito internacional, 1993, o projeto permanente de pesquisa Termos e Conceitos da Museologia (Terms and Concepts of Museology), sob coordenação do museólogo André Désvallées, consultor do Ministério da Cultura da França e Conselheiro Permanente do ICOFOM. Ao terminar o ano de 1997, finalizou etapa e, em 2000, o resultado (em francês) foi editado pelo Sub-Comitê Regional do ICOFOM para a América Latina e o Caribe – ICOFOM LAM em formato CD.<sup>18</sup> As necessidades informacionais da demanda pós Internet, mencionadas acima, intensificaram-se no decorrer do projeto. Nos anos de 2003/2004 propostas no ICOFOM e ICOFOM LAM encaminharam à inclusão oficial do Brasil nos trabalhos desenvolvidos no contexto da América Latina e, em 2004, o ramo brasileiro em investigação de terminologia museológica tomou o caminho para pesquisa institucionalizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UNIRIO, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, PPG-PMUS, UNIRIO/MAST, (mestrado) sob o mesmo título: Termos e Conceitos da Museologia.<sup>19</sup> Em 2005 teve início.

O presente artigo dá conta, de modo resumido, de um recorte temático e do resultado parcial desta pesquisa somente em sua primeira etapa que se estará encerrando em julho de 2007. A segunda etapa se iniciará em agosto, prolongando-se por mais dois anos.

## **2. FRASEOLOGIA MUSEOLÓGICA: ESTUDANDO A LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE À CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA.**

A Museologia, à semelhança da Ciência da Informação não só é campo de formação híbrida --- interdisciplinar --- como do mesmo modo, perpassa outras áreas do conhecimento por meio de aplicação disciplinar ou horizontalidade. Esta propriedade, reconhecida pelo campo dos museus, por exemplo, verifica-se na disciplina nomeada Museologia Aplicada a Acervos --- acervo abrange

---

<sup>17</sup> ICOFOM. International Committee for Museology. Disponível em: <<http://icom.museum/international/icofom.html>>. Acesso em: mar. 2007.

CIDOC. International Committee for Documentation. Disponível em: <<http://icom.museum/international/cidoc.html>>. Acesso em: mar. 2007.

O CIDOC apresenta entre seus membros profissionais associados da ASIST, conforme foi possível verificar na tese de Diana Farjalla Correia Lima.(2003).

<sup>18</sup> DÉSVALLÉES, André. Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación. - ICOM/ICOFOM. ICOFOM LAM. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural. 2000. 1 CD.

<sup>19</sup> A pesquisa Termos e Conceitos da Museologia – UNIRIO é coordenada pela autora do presente artigo. Equipe: pesquisadores -- professora Dra. Tereza Scheiner (UNIRIO); professora colaboradora Dra. Lena Vania Ribeiro Pinheiro (IBICT/MCT); bolsistas IC (Curso de Museologia) desenvolvendo dois subprojetos: Igor Fernando Rodrigues da Costa -- Termos e conceitos da Museologia: terminologia e significações em diferentes contextos de feição museológica; e Felipe Roque Pereira Farias --Análise dos termos relativos à fundamentação mítica da Museologia: museu – gênese, mito, mitologia, musas; respectivamente orientados pelas professoras Diana e Tereza. As três pesquisadoras são membros do ICOFOM e/ou CIDOC do ICOM.

coleções tangíveis móveis, espaços territoriais musealizados referidos às manifestações culturais (intangíveis) e elementos tangíveis imóveis, compondo o patrimônio museológico local, incluindo-se o de origem/formação natural.

A Informação em Museus situa o encontro entre Ciência da Informação e Museologia, sobretudo e em especial, na informação enfocando, assim, tanto coleções (armazenadas, expostas, representadas e/ou citadas em edições etc.) quanto elementos e espaços. Ambos se referem às múltiplas disciplinas que se conectam ao campo sob os efeitos das relações quer das aplicações disciplinares, quer da interdisciplinaridade e, ainda, da multidisciplinaridade, expressando tipologias que, de forma geral, caracterizam os múltiplos modos pelos quais se apresentam os museus. É do processo de identificação descritiva a que são submetidas variadas coleções, elementos e espaços, tanto sob o aspecto formal como da relação contextual agregando numerosas fontes de referência, que se originam os catálogos dos acervos museológicos. A Documentação Museológica – Museum Documentation, sistema de recuperação da informação -- é o território comum para o processo de interseção dos dois domínios do conhecimento.

É neste espaço, também, que emerge a terminologia, destacando a linguagem técnica do domínio, prerrogativa dos profissionais --- e a questão de torná-la acessível, isto é, compreensível, afastando obstáculos que todem a percepção dos significados, evitando comprometer o processo da comunicação na Museologia, indistintamente em relação à demanda informacional do público especializado ou do público leigo, que se situa em contextos de âmbito nacional e internacional. Neste quadro assoma a relevância da linguagem documentária como instrumento mediador.

O universo da pesquisa inserido no tema da sistematização de conceitos, portanto, apontando para a relação entre Terminologia e Documentação (a última, uma das disciplinas formadoras do campo híbrido da Ciência da Informação) aborda a fraseologia museológica, refletindo o “conjunto das construções mais características”<sup>20</sup> --- termos específicos designando conceitos identificadores e delimitadores do campo, o exercício da competência (domínio ou poder simbólico tratado por Bourdieu) das linguagens próprias das comunidades plurais que coexistem envolvidas com o tema museu/Museologia. Em concordância com tal condição, tomando como referência a literatura da área, ou a ela relacionada, produzida no Brasil e no exterior foram selecionados para estudo o conjunto de determinados vocábulos expressando conceitos considerados básicos, distinguidos nesta categoria pelos agentes atuantes no território museológico.

A pesquisa, tendo em vista a configuração da Museologia que compartilha com outras disciplinas modelos e práticas que se manifestam no seu espaço, considerou como fio condutor para a investigação terminológica “reconhecer significativas mudanças” que ocorrem, fazendo-se ligadas

---

<sup>20</sup> FRASEOLOGIA. In: DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.2005. CD ROM.

aos diferentes “contextos culturais e sociais”<sup>21</sup> de uso e as variações nos termos que apresentam, espelhados nos textos de comunicação profissional. Estes contextos das relações vinculando linguagem e comunidades especializadas, ainda, se expressam, no que se refere aos documentos, por meio de quatro idiomas: português, inglês, francês e espanhol. Os Conselhos e Comitês Internacionais vinculados à Unesco produzem e veiculam literatura das múltiplas comunidades profissionais nos idiomas oficiais da entidade internacional. O português também é considerado oficial junto ao espanhol com referência à produção do ICOFOM LAM.<sup>22</sup>

O apóio teórico, deste modo, não poderia deixar de buscar respaldo nas novas propostas para estudos terminológicos que apontam ao caminho da perspectiva da socioterminologia e da Teoria Comunicativa da Terminologia, TCT.<sup>23</sup> Assim, acatando para a unidade de estudo --- termo; ao circular “no funcionamento da linguagem” e interagir no âmbito da dimensão social<sup>24</sup> a “complexidade constitutiva – lingüística, cognitiva, pragmática, comunicativa, tal como postula Cabré”<sup>25</sup> E segundo Faulstich<sup>26</sup> as novas propostas esclarecem e tornam evidente que “o termo técnico-científico é uma unidade poliédrica e, portanto, não linear, sofrendo todas as implicações do funcionamento da linguagem.”

Este entendimento, sem descuidar da associação entre termo/conceito e do problema da ambigüidade, permitiu analisar comparativamente os termos em situações de uso diversificado (registros sociais e culturais), identificando variações terminológicas relativas ao emprego feito pelas comunidades de museus --- conforme comentado, reúne diversos profissionais de múltiplas áreas do conhecimento militando no cenário museológico (as comunidades híbridas encontram, nesta situação, o espaço adequado para se manifestarem em suas diversidades na comunicação) --- seja no processo de “gerar termos diferentes para um mesmo conceito ou mais de um conceito para o mesmo termo”.<sup>27</sup> A normalização concorde com este entendimento busca o conceito “metodologicamente útil”, qual seja: “harmonizar” em “espaço sociocultural e lingüístico”, que se

---

<sup>21</sup> FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. Ciência e Cultura, São Paulo, v.58, n.2, abr./jun. 2006. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: mar. 2007.

<sup>22</sup> Conforme mencionado: Sub-Comitê Regional para a América Latina e o Caribe do ICOFOM (Comitê Internacional para a Museologia).

<sup>23</sup> CABRÉ, Maria Teresa. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. RITERM. Revista Debate Terminológico, n. 1, mar. 2005. Disponível em: <[http://www.riterm.net/revista/n\\_1/cabre.pdf](http://www.riterm.net/revista/n_1/cabre.pdf)>. Acesso em: abr. 2007.

<sup>24</sup> FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. Ciência da Informação, Brasília, v. 24, n. 3, 1995. Artigos. Disponível em: <[www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=875&article=529&mode=pdf](http://www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=875&article=529&mode=pdf)>. Acesso em: abr. 2007.

<sup>25</sup> CABRÉ, Maria Teresa. La terminología. Representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1999. apud KRIEGER, Maria da Graça, BEVILACQUA Cleci Regina. A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área. RITERM. Revista Debate Terminológico, n. 1, mar. 2005. Disponível em: <[http://www.riterm.net/revista/n\\_1/krieger.pdf](http://www.riterm.net/revista/n_1/krieger.pdf)>. Acesso em: abr. 2007.

<sup>26</sup> FAULSTICH, E. op. cit., 2006.

<sup>27</sup> FAULSTICH, E. op. cit., 1995.

deve entender como o estabelecimento de fazer corresponder “os termos uns com os outros no seio da mesma língua e entre línguas, gerenciando os usos.”<sup>28</sup>

O termo/conceito Patrimônio integrante do concerto seminal para sustentação da ‘idéia’ (modelo) e da ‘prática’ (ação) que representam a interpretação dada ao fenômeno museu, do modo com o compreende a Museologia, é enfocado neste artigo.

## **2.1 Patrimônio: mosaico conceitual**

Patrimônio, conceito polissêmico, e os termos correlatos Herança, Bem, Monumento<sup>29</sup>. são utilizados pelo campo museológico, bem como pelas disciplinas relacionadas que tratam ou apresentam similares manifestações e/ou exemplares intangíveis e tangíveis. Dentro de suas especificidades geraram interpretações/conceitos atribuídos ao(s) termo(s) em pauta as áreas do Direito, Economia, História, Memória Social, Arqueologia e Antropologia.<sup>30</sup> Outras áreas/disciplinas, a exemplo do plano das Artes, não determinaram para o seu contexto de uso conteúdo semântico particular ou adequações, lançando mão dos que se conhece. O desenho, então, corresponde à reunião de vários tipos de fenômenos de diferenciadas naturezas e que se vinculam, ainda, a tipologias dos museus /das musealizações.

A Museologia a fim de operacionalizar determinados conceitos, além da criação daqueles que lhes são próprios, valeu-se de outras áreas do conhecimento para realizar apropriações e para estabelecer ressignificações.

Cabe ressaltar, com base nas fontes consultadas, o uso vigente no domínio do sentido atribuído ao termo patrimônio e correlatos --- *herança*, representando algo que se recebe e do qual se toma posse por meio da sucessão (tendo por base conceitual a interpretação oriunda do Direito Romano).<sup>31</sup>

Ainda, deve-se mencionar que no material que se analisou de língua inglesa tal sentido se manifesta no uso dominante do termo herança --- *heritage*, *cultural heritage*, *natural heritage*; em lugar de patrimônio. Em francês e espanhol são usados os correspondentes idiomáticos *patrimoine* e *patrimonio*. Do mesmo modo, o vocábulo patrimônio, *património* nos países lusófonos é o que prevalece. É emblemático o título da entidade que responde pela política dos bens culturais (“bens

---

<sup>28</sup> DEPECKER, L. Terminologie et standardization. In: Jornada Panllatina de Terminologi. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1995. p. 31. apud FAULSTICH, E. op. cit., 2006.

<sup>29</sup> DESVALLÉS, A. op. cit. p.41.

<sup>30</sup> FARJALA, Diana, RODRÍGUEZ, Igor. Patrimônio, herança, bem e monumento: termos, usos e significados no campo museológico. In: ICOFOM/ICOFOM LAM - INTERNATIONAL SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND HISTORY: a field of knowledge. 2006. Museo Nacional Estancia Jesuítica de Alta Gracia y Casa del Virrey Liniers. Córdoba, Argentina. **Trabalhos Apresentados...** 2006. Munich/Germany, Córdoba/Argentina: ICOFOM/ICOFOM LAM. 2006. p. 244,247. (ICOFOM Study Series ISS 35).

<sup>31</sup> Ibidem.

simbólicos”)<sup>32</sup> em nosso país; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Na França o organismo similar trata dos “monumentos franceses”<sup>33</sup> e serviu como modelo para a criação da instituição brasileira, já que a idéia de patrimônio como herança nacional se constituiu na França solidificando-se após a Revolução Francesa.<sup>34</sup>

A pesquisa na relação terminológica Patrimônio e Museologia (fontes nos 4 idiomas mencionados), lado a lado com dicionários (de língua, de termos técnicos entre outros); vocabulário multilíngüe; tesouros e outros vocabulários controlados; levantou termos em sites e bases de dados de museus, de coleções e de instituições de patrimônio / monumentos / bens, como também nos instrumentos normativos da Unesco: Recomendação, Convenção e Declaração. Considerados “instrumentos jurídicos para auxiliar os Estados [membros] a realizar proteção mais efetiva a todas formas de cultura”,<sup>35</sup> indicam diretrizes internacionais para tratamento do patrimônio, bem, monumento, isto é, representações da herança cultural, originada da natureza ou da sociedade. Seguindo tal característica foram incluídos, também, documentos (Cartas, Compromissos) de outras instituições que precederam a Unesco no cenário deste tema. Os textos de especialidade de caráter normativo receberam, na pesquisa, a designação de “documentos patrimoniais”,<sup>36</sup> cobrindo um período de atividades iniciado pelo surgimento do primeiro documento, Carta de Atenas em 1931.

O estudo do signo lingüístico patrimônio, refletindo a dinâmica das línguas, configura o que se poderia chamar de “mosaico conceitual” e permitiu que se verificasse, na trajetória de uso, “ampliação conceitual do termo, abarcando diversidades de tipologias de fenômenos particularizados pela esfera social.” Neste contexto de “movimento de dilatação dos significados” (...) e “a fim de possibilitar a análise do termo e de suas acepções (...) na área museológica e afins” (...), foram construídos “três agrupamentos/categorias”, principalmente fundamentados nas diretrizes dos documentos patrimoniais, permitindo apontar os seguintes resultados quanto às interpretações que encerram:<sup>37</sup>

## **2.2 Representando o Patrimônio ou por uma representação do Patrimônio...**

----- a) Patrimônio como monumento – “recai na noção de materialidade, compreendida pelo aspecto físico, tangível, como forma documental relacionada ao processo de rememoração de

---

<sup>32</sup> BOURDIEU, P. 1989. op. cit., p. 116.

<sup>33</sup> MINISTÉRIO DA CULTURA E DA COMUNICAÇÃO DA FRANÇA. Disponível em: <<http://www.culture.fr/culture/bdd/index.html>>. Acesso em: mar. 2007.

<sup>34</sup> CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP. 2001. 282 p.

<sup>35</sup> UNESCO. Disponível em : <<http://portal.unesco.org/culture/es/ev.php>>. Acesso em: mar. 2007

<sup>36</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Termos e conceitos da Museologia: relatório parcial de pesquisa.2005-2006. Rio de Janeiro: UNIRIO. 2006.

<sup>37</sup> FARJALA, Diana, RODRÍGUEZ, Igor.2006. op. cit., p. 248-249.

Assim como o parágrafo da chamada para a nota, os três subseqüentes (a/b/c) apresentam citações da mesma publicação.

acontecimentos e eventos. Segundo este entendimento, o caráter histórico é evidenciado pela relevância testemunhal do dado físico como critério de valor patrimonial e, portanto, limitando a idéia de patrimônio a um espectro restrito de fenômenos materiais.”

----- b) Patrimônio como conjunto indivisível – “estabelece o Patrimônio como relação entre os bens, ou seja, o valor que traz sentido ao agrupamento dos fenômenos sejam eles naturais ou culturais, móveis ou imóveis, não está restrita -- no plano conceitual do patrimônio -- a uma área de conhecimento, a não ser pela necessidade operacional em musealizar tais fenômenos. O entendimento se aproxima da relação homem e meio ambiente, entendendo tais instâncias como inseparáveis e necessariamente complementares, enfatizando mentalidade ecológica e global aos fenômenos agrupados sob o termo *Patrimônio*. E, segundo este sentido, o Patrimônio tornou-se identificado, explicitamente, como grande elo entre fenômenos particularizados na realidade, não mais como o próprio fenômeno Bem.”

----- c) Patrimônio como bens culturais e naturais, móveis e imóveis “-- assume dicotomia entre olhares das áreas Humanas e Sociais e das ligadas às Ciências Naturais, entendendo tais bens (...) como separáveis, ao contrário da idéia de indivisibilidade já abordada. E, neste sentido, a noção de *conjunto* do Patrimônio se apresenta como fragmentada, mas aberta a outras tipologias de fenômenos, não se limitando ao caráter do testemunhal-histórico.”

Todos agrupamentos, no tocante aos modelos que comportam classes de representações designadas e interpretadas sob a forma de herança --- cultural, natural --- de patrimônio, de bem e de monumento, comportam construções apresentando um ou mais vocábulos, consignando conceitos que irão atender aos valores patrimoniais atribuídos pelas áreas do conhecimento que lhes associam suas competências, demarcando (legitimando) para as comunidades seu território de especialidade (de poder simbólico).

À guisa de ilustração somente, arrolou-se pequena amostra destas construções terminológicas,<sup>38</sup> embora não possam ser desvinculadas do conteúdo dos documentos: -- acervo etnográfico; -- bens artísticos; bens pré-históricos; -- coleções de arquivos, coleções de bibliotecas, coleções de museus; -- arquitetura vernacular; bairros históricos; cidades históricas; conjuntos tradicionais; conjuntos monumentais homogêneos; -- obras monumentais; obras do homem; obras conjugadas do homem e da natureza; -- zona, recinto ou sítio; sítios arqueológicos; sítios naturais; sítios patrimoniais; entorno dos bens, entorno dos sítios; zonas circundantes; ambiência; reservas paleontológicas; -- habitat natural para preservação da diversidade biológica in-situ; ecossistemas marinhos e costeiros; formações geológicas e fisiográficas; monumentos naturais; parques nacionais; paisagens; jardim histórico; -- manifestações associadas a eventos ou a tradições; --

---

<sup>38</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Termos e conceitos da Museologia: relatório parcial de pesquisa.2006-2007. Rio de Janeiro: UNIRIO. 2007.

vestígios etnológicos; documentos etnológicos; patrimônio humano; comunidades; aldeias e lugarejos; -- patrimônio artístico; patrimônio imobiliário; – patrimônio turístico; -- patrimônio digital.

A pesquisa, no momento, no quadro de relações entre áreas do conhecimento e o elenco acima exemplificado de construções terminológicas, volta-se para análise que permita traçar e especificar, tomando especialmente os vários integrantes deste rol como variáveis para efeitos da investigação; os exemplares tipológicos representativos da idéia de herança que, inseridos neste grupo das elaborações (variáveis) possam ser identificados como seus indicadores na medida em venham a expressar e representar, de modo adequado, harmônico, os conceitos atribuídos ao termo patrimônio e seus correlatos conforme se pôde apreender pela análise de conteúdo, especialmente, dos textos de especialidade.

Estima-se, com tal ação e reflexão analítica, fornecer dados para futuros estudos e tarefas, tendo em vista os trabalhos que ainda se pretende realizar e concernentes à linguagem documentária, instrumento de mediação entre usuários (incluso os visitantes) e as diversas fontes / veículos que disseminam a informação em museus.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.(Coleção Memória e Sociedade).

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: Razões práticas: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papyrus, 1997. p. 13-33. Primeira reimpressão com alterações do autor.

CABRÉ. Maria Teresa. La terminologia. Representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1999. apud KRIEGER, Maria da Graça, BEVILACQUA Cleci Regina. A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área. RITERM. Revista Debate Terminológico. n. 1, mar. 2005. Disponível em: <[http://www.riterm.net/revista/n\\_1/krieger.pdf](http://www.riterm.net/revista/n_1/krieger.pdf)>. Acesso em: abr. 2007.

CABRÉ. Maria Teresa. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. RITERM. Revista Debate Terminológico. n. 1, mar. 2005. Disponível em: <[http://www.riterm.net/revista/n\\_1/cabre.pdf](http://www.riterm.net/revista/n_1/cabre.pdf)>. Acesso em: abril. 2007.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

CHOAY. Françoise. A alegoria do patrimônio. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP. 2001. 282 p.

CIDOC. International Committee for Documentation. Disponível em: <<http://icom.museum/international/cidoc.html>>. Acesso em: mar. 2007.

CIDOC, Internacional Committee on Documentation, CHIN. Canadian Heritage Information Network.. The Bibliographies and catalogues of resources for museum professionals. Disponível em: <<http://www.cidoc.icom.org/bibliogs.htm>>. Acesso em: março 2007

DAHLBERG, Ingtraut. O futuro de linguagens de indexação. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/dahlberg/index.htm>>. Acesso em: março 2007

DESVALLÉS, André. A museologia e os museus: mudanças e conceitos. Rio de Janeiro: SPHAN/próMemória. Cadernos Museológicos. n. 1, 1989.

DEPECKER, L. Terminologie et standardization. In: Jornada Panlatina de Terminologi. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1995. p. 31. apud. FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. Ciência e Cultura, São Paulo, v.58, n.2, abr./jun. 2006. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: mar. 2007.

DÉSVALLÉES, André. Terminologia Museológica. Proyecto Permanente de Investigación. ICOM/ICOFOM. ICOFOM LAM. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural. 2000. 1 CD.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.2005. CD ROM.

FARJALA, Diana, RODRÍGUEZ, Igor. Patrimônio, herança, bem e monumento: termos, usos e significados no campo museológico. In: ICOFOM/ICOFOM LAM - INTERNATIONAL SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND HISTORY: a field of knowledge. 2006. Museo Nacional Estancia Jesuítica de Alta Gracia y Casa del Virrey Liniers. Córdoba, Argentina. **Trabalhos Apresentados...** 2006. Munich/Germany, Córdoba/Argentina: ICOFOM/ICOFOM LAM. 2006. p. 243-250. (ICOFOM Study Series ISS 35).

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. Ciência da Informação, Brasília, v. 24, n. 3, 1995. Artigos. Disponível em: <[www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=875&article=529&mode=pdf](http://www.ibict.br/cionline/include/getdoc.php?id=875&article=529&mode=pdf)>. Acesso em: abr. 2007.

FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. Ciência e Cultura, São Paulo, v.58, n.2, abr./jun. 2006. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: mar. 2007.

GETTY STANDARDS PROGRAM. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/institute/standards>>. Acesso em mar. 2007.

GETTY VOCABULARY PROGRAM. Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/tools/vocabulary>>. Acesso em mar. 2007.

ICOFOM. International Committee for Museology. Disponível em: <<http://icom.museum/international/icofom.html>>. Acesso em: mar. 2007.

ICOM. International Council of Museums. Disponível em: <<http://icom.museum>>. Acesso em: mar. 2007.

ICOMOS. International Council on Monuments and Sites. Disponível em: <<http://www.icomos.org>>. Acesso em: mar. 2007.

KLEIN, Julie Thompson. Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. 281 p. (Knowledge: disciplinarity and beyond) Series editors Ellen Messer-Davidow, David R. Shumway, David J. Sylvan.

LAAN van der, Regina Helena; FERREIRA, Glória Isabel Sattamini; BONOTTO, Martha E. K. Kling; NEVES, Iara Conceição Bitencourt; GASPERIN, Inês M. de. Avaliação de descritores relativos às ciências da informação: relato de pesquisa. Em Questão, Porto Alegre, v. 10, n.2, p. 337-347, jul./dez. 2004.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Social Memory and museum institution: thinking about the (re)interpretation of cultural heritage. Memória Social e a instituição museu: reflexos acerca da herança cultural (re)interpretada. In: ICOFOM. INTERNATIONAL SIMPOSIUM: MUSEOLOGY AND MEMORY: Annual Conference of ICOFOM/International Committee for Museology, 19., 1997. Rio de Janeiro. Trabalhos apresentados... 1997. Paris: ICOFOM/ICOM/UNESCO. 1997. p. 202-211.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Ciência da Informação, Museologia e fertilização interdisciplinar: Informação em Arte um novo campo do saber. 2003. 358 f. Tese (Doutorado) - Instituto Brasileiro em Ciência da Informação/IBICT, Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Termos e conceitos da Museologia: relatório parcial de pesquisa.2005-2006. Rio de Janeiro: UNIRIO. 2006.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Termos e conceitos da Museologia: relatório parcial de pesquisa.2006-2007. Rio de Janeiro: UNIRIO. 2007.

MICELI, Sergio. (Org.) Pierre Bourdieu: a economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1986. 361 p. (Coleção Estudos).Textos selecionados da obra de Pierre Bourdieu.

MINISTÉRIO DA CULTURA E DA COMUNICAÇÃO DA FRANÇA. Disponível em: <<http://www.culture.fr/culture/bdd/index.html>>. Acesso em: mar. 2007.

MIRANDA, Ligia Maria Café de. Aplicação de base metodológica para pesquisa em socioterminologia na elaboração de um glossário demonstrativo em fitopatologia. Ciência da Informação, Brasília, v. 24 n.3, 1995. Comunicações. Disponível em: <[www.ibict.br/cionline/viewarticle.php?id=541](http://www.ibict.br/cionline/viewarticle.php?id=541)>. Acesso em: abr. 2007.

UNESCO. Disponível em : <<http://portal.unesco.org/culture/es/ev.php>>. Acesso em: mar. 2007

--- Documentos Patrimoniais.

BRASIL. Decreto-Lei, nº 25, 1937. Criação do IPHAN.; IPHAN. Compromisso de Brasília. 1970; Compromisso de Salvador. 1971; Carta de Petrópolis. 1987. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/cartaspatrimoniais>>. Acesso em: abril 2007

ICOMOS. Carta de Atenas, 1931; Carta de Atenas, 1933; Carta de Nova Delhi, 1956; Recomendação de Paris,1962; Recomendação de Paris,1964; Carta de Veneza,1964; Carta de Quito,1967; Recomendação de Paris, 1968; Convenção de Paris, 1972; Unesco Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage, 1972; Mission Statement, 1972; Declaração de Stocolmo, 1972; Manifesto de Amsterdã, 1975; Recomendação de Nairóbi, 1976; Carta de Florença, 1981; Declaração do México, 1982; Carta de Washington, 1986; Unesco World Heritage Information KIT – Heritage, 1992; Unesco World Heritage Information KIT: The criteria for selection, 1992; Declaration of San Antonio, 1996; Declaration of ICOMOS marking the 50th anniversary of the Universal Declaration of Human Rights, 1998; International Cultural Tourism Charter Managing Tourism At Places Of Heritage Significance, 1999; Charter on the

Preservation of the Digital Heritage, 2003. Disponível em: <<http://portal.unesco.org>>. Acesso em: abril 2007.